M. Cotrim

Xeque




Reinos
Las
Ot
Janob
Sevgi
Deka
Naua
Evecka
Galateia
N
O
L
S
Mar Isil


Conhecidos
Paca
Sakisto
Haveno
Urbo
Mar Aran
Borefort
Soavaly
Tuerm
Zergs
Andoras
Floresta Sem Fim

Sumário



1. Hécate 11
2. Andoras 61
3. Xeque 171
4. Mateus 245
5. Chagas 312
6. Duquesa de Sakisto 350
7. Vitorioso 432

Prologo

Essa história se passa, em grande parte, nos Reinos em União que é composto por treze reinos: Andoras, Zergs, Soavaly, Tuerm, Borefort, Urbo, Haveno, Sakisto, Evecka, Naua, Deka, Galateia e Sevgi, mas esses não são os únicos reinos conhecidos.

Há ainda as ilhas Las, Ot e Janob que são moradas do clã Ot. A distante ilha Paca que pertence ao clã Okean. A mágica vila de Hécate que é morada de meninas, mulheres e anciãs que se dedicam ao seu desenvolvimento intelectual e espiritual através da magia.

Apesar de a vila ficar em um lugar escondido na floresta Sem Fim, que faz parte do território de Andoras, a vila é um território independente com suas próprias regras, leis e líderes. Sem influência do mundo externo, a vila de Hécate é um lugar de paz e harmonia, mas apesar disso suas líderes e moradoras se preocupam com o que acontece nos reinos

Também faz parte da nossa história os Elementais. Eles são seres mágicos, evoluídos, de força e intelecto sobre-humano que optaram por se distanciar dos homens.

Havia cinco Casas Elementais: ▽ Koehual, ▽ Aleil, △ Radoel, △ Ashein e ◯ Quear. Eu disse "havia", pois, apesar de os Elementais poderem viver milhares de anos, a morte chega a eles assim como chega aos humanos e devido a isso não há mais Elementais da Casa de Quear.

As Casas Elementais ficam em um lugar perdido no tempo e no espaço onde apenas os Elementais e alguns humanos de confiança conseguem entrar. Entre as pessoas de confiança está a Isis, que é uma moradora da vila de Hécate, ela visitou a Casa de Aleil quando atingiu o sacerdócio aos doze anos e ficou encantada com o lugar. Isis planejava conhecer a Casa de Koehual na próxima primavera, mas seus planos foram diluídos pois do dia para a noite ela não tinha mais o poder de decisão sobre a própria vida.

"Ao acordar naquele dia eu não imaginara que eu estava por ser tirada do meu lar e da minha família... Condenada a uma vida de cárcere." Isis pensou ao se dar conta daquele fato.

Xeque

Livro Um

Primeira parte

M. Cotrim

1. Hécate

— E se ela não parar de resistir? – eu ouvi o Mateus questionar.

— Ela morrerá – respondeu Néftis.

Me debatendo naquele chão e envolta pela agonia, eu me indaguei: O que eu poderia ter feito de diferente naquele dia?

Me envolvendo com sua brisa morna e com o cheiro de orvalho, um novo dia me abraçou.

Um sorriso involuntário cresceu em meu rosto.

Os pássaros cantavam e mais ao longe era possível ouvir um ruído brando de uma queda d'água.

Eu abri os olhos e me deparei com uma pilha de livros no criado mudo.

Pela janela eu vi um fino nevoeiro que começara a se dissipar com os raios solares de uma manhã primaveril.

O sol, como um convidado quisto, entrou iluminando e alegrando todo o quarto.

Um pouco sonolenta, eu me estiquei na cama e contemplei o ciclo lunar; o qual ia de nova a nova, em um círculo perfeito, pintado no teto do quarto. O mesmo teto que se erguia através de paredes adornadas de flores e pinturas, incluindo o quadro que a Di havia me dado há quatro luas, quando eu completei quatorze primaveras.

A minha frente Clarisse se vestia sentada em sua cama.

— Bom dia – disse ela ao ver que eu acordara.

— Bom dia. – Eu sorri para ela e me sentei na cama.

Eu me arrumei e, com minhas irmãs, fui para a cozinha. O cheiro de bolo de milho me alcançou antes que eu chegasse lá.

— Bom dia Inha! – eu disse ao entrar na cozinha.

Inha era uma senhora vultosa de quase cinquentas anos que cuidava da casa e das meninas que, como eu, fazia de lá um lar.

— Bom dia menina. – Recebeu-me ela com um sorriso.

Abastecida com pães, bolos, frutas, geleias, queijos, sucos e água;

a mesa da cozinha tinha, quase que totalmente, as suas trinta cadeiras ocupadas por meninas entre nove e dezesseis anos. Elas tagarelavam alegremente, havia uma vibração no ar que emanava de todas nós.

Toda a vila de Hécate estava agitada devido ao Litha que ia acontecer em poucos dias.

— Suas vestes estão prontas? – questionou-me Anna, uma garotinha de dez anos com a voz esganiçada, ela estava muito empolgada, era a primeira vez que ela iria participar desta comemoração.

— Faltam alguns pequenos detalhes – eu respondi a ela – e você já terminou suas vestes para o Litha?

— Sim, mas eu não estou satisfeita, você pode me ajudar depois?

— Claro. – Eu sorri e lhe fiz um cafuné. – Néftis solicitou minha presença após o café, mas quando eu voltar te ajudo.

Anna bateu palmas e sorriu.

Enquanto tomávamos café, Anna continuava falando de suas vestes comigo e com Sophie, uma menina ruiva e sardenta da mesma idade dela.

Dianne, com seus cabelos encaracolados que caiam sobre seus ombros, exibia um ar cabisbaixo.

— O que foi Di? – eu a questionei.

— Nada – respondeu ela fitando o próprio prato.

— Como nada? ... É pela...

— Eu não entendo por que ela não quis me tornar sacerdotisa.

— Você não disse que a Néftis te explicou os motivos? Ela disse que você é inteligente, que sua habilidade em poções é extraordinária, que você é muito dedicada...

— Mas isso não parece ser o suficiente, e agora soa como um monte de mentiras – Di me interrompeu.

— Não se menospreze. – Eu peguei a sua mão. – Você só precisa ter um pouco mais de paciência, haverá outros solstícios nos quais você poderá participar ativamente.

— Não haverá outro solstício como este.

— Todos são especiais.

— Um encontro da Lua e do Sol em um solstício é muito raro e

você sabe... você é sacerdotisa desde os doze anos, eu estou com dezesseis anos e ainda não sou uma sacerdotisa – disse Di amargurada.

— Cada um ascende ao sacerdócio no tempo ideal – eu argumentei. – Néftis é sábia, ela nunca faria nada para nos prejudicar. Além disso, você, como todas nós, estará lá.

— Ambas sabemos que não é a mesma coisa – disse Di contrariada.

Neste momento Lis, que era uma sacerdotisa do Lar da Erudição e uma filha de Atena, se aproximou.

— Bom dia minhas irmãs – cumprimentou ela a todos.

Houve múltiplos "bom dia".

— Isis – dirigiu-se ela a mim –, Néftis pediu para você vestir aquela sala de tortura.

— Por quê? – eu questionei confusa.

— Tortura? – questionou Anna preocupada.

— Não se aflija Anna, não vão me fazer mal, a Lis está se referindo as roupas que os raof'ed usam.

— Ah..., mas por que as chamam assim Lis? – Anna quis saber.

— Porque é uma tortura ficar mais que alguns instantes com aquele tipo de roupa, eu não sei como as mulheres raof'ed conseguem respirar. Eu não queria estar no lugar da Isis.

Eu ri.

— Vamos Isis eu lhe ajudo – completou Lis.

Levantei-me e fui na direção do meu quarto.

"Qual será o motivo disso?" Eu me questionava.

Depois que eu vim morar na vila de Hécate esta seria a segunda vez que eu me vestia daquele jeito. Na vez anterior Néftis recebia um casal de nobres que a procurou para curar sua filha mais nova, Amanda. O casal alegava que a filha era insana, pois ela não conseguia se concentrar e vivia falando sozinha.

Como Néftis é uma curandeira conhecida em muitos reinos, aliás, todas as sacerdotisas da Casa de Asclépio que são filhas de Hygeia são muito requisitadas.

Ao atender a filha deste casal, Néftis descobriu que, na verdade, Amanda não era louca, mas que ela tinha o dom da visão muito

aflorado. Amanda transitava entre os dois mundos muito facilmente.

Enquanto muitas de nós só vemos o outro mundo com clareza quando estamos dormindo ou através de encantamentos, Amanda praticamente vivia nele, ela tinha uma visão tão clara do outro mundo que para ela não havia diferença entre um e outro. Ela conversava com seres de ambos os lados, por isso as pessoas pensavam que ela falava sozinha, mas Amanda nunca falou sozinha.

Néftis viu muito potencial nela e para ela, Amanda não devia ser curada, e sim desenvolvida. Então Néftis propôs aos pais da menina que a deixassem aos cuidados de Néftis.

Os nobres, em sua ignorância, foram categóricos e lhe deram um "não" sem sequer refletir sobre o assunto. Néftis tentou argumentar dizendo que ao desenvolver as habilidades Amanda poderia lidar melhor com seu dom e dessa forma conseguiria se concentrar e se portar como eles gostariam.

Com este argumento a mãe da Amanda se interessou pela proposta, mas quando Néftis disse que a menina deveria permanecer na vila de Hécate por pelo menos quatro primaveras o pai da Amanda foi veemente ao dizer "não".

Ele questionou como ficaria a educação da Amanda, Néftis argumentou dizendo que todos que moravam em Hécate recebiam educação, que aprendiam a ler e escrever, a lidar com os números. O pai da Amanda interrompeu bruscamente a Néftis dizendo que a filha dele não precisa deste tipo de educação, que ela precisa aprender a ser uma boa esposa e uma boa mãe e finalizou dizendo que a filha dele não aprenderia isso em Hécate.

Neste ponto Néftis perdeu a paciência, mas antes de soltar os cachorros nos dois, ela se lembrou de mim, pois eu vim morar na vila de Hécate aos onze anos então eu tive todos os ensinamentos que uma raof'ed recebe.

Néftis acreditava que mostrando aos pais da Amanda como eu me portava, os faria mudar de ideia. Então eu passei o resto do dia mostrando a vila para eles, claro que antes de Néftis me deixar a sós com eles, ela pediu para eu me comportar como eles. Foi fácil e até um pouco divertido, no final daquele dia a Amanda se juntou a nós.

"Será que eu terei que me apresentar como uma raof'ed novamente?" Me passou pela cabeça.

Se assim fosse Néftis teria me dito algo na noite anterior, quando ela me convidou para experimentar e escolher qual hidromel será servido no solstício.

— Lis!? – eu reclamei, quando senti ela puxar por demasiado as amarras do vestido.

— Desculpe. – Riu ela.

Era estranho me ver naquela roupa estufada e muito apertada na cintura. A sala de tortura era um vestido amarelo, com uma saia na cor verde que sobrepunha o mesmo.

Depois de pronta eu fui ao encontro de Néftis que me recebeu na antessala.

— Bom dia. – Recebeu-me Néftis com um abraço afetuoso.

— Bom dia! – eu retribuí com um sorriso.

— Acompanhe-me, eu quero te apresentar algumas pessoas. – Conduzia-me ela à sala.

Entrando através de grandes janelas, o sol iluminava a sala e havia um doce cheiro no ar.

Vi que sobre a mesa estavam dispostos três cálices e uma garrafa de hidromel, o cheiro adocicado vinha dos cálices.

Dois homens aguardavam por nós.

— Isadora, estes são os senhores Mateus e Lucas, de Andoras – apresentou-nos Néftis.

Néftis me chamar de Isadora me causou estranheza, fazia muito tempo que eu não escutava aquele nome, mas eu não disse nada.

Os homens que Néftis acabara de me apresentar eram bem altos e robustos, o segundo mais que o primeiro. Ambos eram bem-apessoados e estavam bem vestidos.

Eu reverenciei os homens de acordo com os costumes dos raof'ed. O homem que Néftis me apresentou como Lucas me fitou com os seus olhos verdes e fez uma reverência se curvando levemente e levando a mão ao peito, mas o homem cujo nome é Mateus se aproximou, com a sua pele amêndoa e seus olhos cor de mel, tomou minha mão e beijou-a suavemente.

O calor da pele dele irradiou pelo meu corpo, era uma sensação diferente, porém agradável, o que fez meu rosto esquentar. Eu agradeci a Deusa pela minha pele avelã, pois se não fosse assim o rubor em meu rosto seria evidente.

Eu sorri surpresa e ligeiramente desconcertada.

— É uma honra conhecê-la Isadora – disse Mateus permanecendo com minha mão na sua.

— A honra é minha, senhor Mateus. – Com delicadeza, eu puxei a minha mão.

— Apenas: Mateus.

— Como queira Mateus.

— Isadora eu tenho alguns assuntos a tratar com o senhor Lucas, enquanto isso leve o senhor Mateus para conhecer nossa vila – disse Néftis.

— Claro, será um passeio prazeroso – eu disse e voltei minha atenção para o Mateus. – Quando quiser.

— Vamos. – Mateus gesticulou para que eu fosse à frente.

— Com licença – eu disse para a Néftis e para o Lucas e caminhei casa a fora.

Assim que passamos pela porta, eu fui abraçada pelo sol e a brisa fresca me acariciou.

Mateus e eu andamos lado a lado em silêncio, eu parecia ainda mais miúda perto dele.

O silêncio despertou o meu interesse pelo que nos rodeava. A luz do sol se refletia no orvalho das flores criando lindas cores, um casal de esquilos subia em uma árvore, um pássaro cantava ao longe, o ar tinha aquele cheiro fresco típico da floresta.

Por um instante fechei os olhos e respirei fundo, era maravilhoso.

Quando abri os olhos uma borboleta amarela e preta pairava graciosamente na minha frente, seguindo-a com os olhos eu encontrei o rosto do Mateus, foi então que percebi que ele ainda estava na minha presença.

Mateus parecia preocupado ou irritado. Lembrei-me de um protocolo sem sentido que eu não estava seguindo.

Aborrecida, eu revirei os olhos.

— Mateus, eu lhe importuno ao andar ao seu lado? – eu o questionei.

— Em hipótese alguma. Por que pergunta?

— Seus costumes são diferentes dos nossos, eu sei que de acordo com os raof'ed algumas mulheres não são dignas de andar ao lado de um homem da sua posição.

— Pensei que você não soubesse sobre a minha posição – disse Mateus ligeiramente surpreso.

— Pelas suas roupas está claro que você é alguém de posses, talvez um membro da corte e pela sua postura eu diria que o senhor é um soldado. – Eu refleti por um instante. – O senhor é forte, mas não parece com alguém da infantaria, acredito que o senhor seja um cavaleiro. Então comparado ao senhor, e segundo as crenças do seu povo, somos de classes distintas. Provavelmente os raof'ed me taxariam como uma mulher do povo enquanto o senhor, obviamente, um homem da corte.

— A senhorita é muito perspicaz, mas eu não diria que alguém com a sua descendência, com a sua linhagem seja alguém do povo.

Fiquei surpresa por Mateus saber aquele detalhe da minha vida.

— A linhagem a qual o senhor se refere está há muito perdida – eu disse.

— Você ainda está aqui e o sangue de reis corre em suas veias.

— O senhor está certo – eu concordei com ele –, mas isso não me torna melhor que ninguém.

— Isso é algo a ser avaliado. Em relação a andar ou não ao meu lado, como estamos na sua casa seguiremos os seus costumes.

— Isso não lhe desagrada? – eu quis me certificar, pois não queria que o convidado da Néftis se sentisse mal recebido.

— Não. É uma honra andar ao seu lado – ressaltou Mateus fazendo uma pequena reverência.

— Certo, então comecemos nosso passeio. Aqui é o centro da nossa vila – eu disse no centro de um círculo formado por casas. – Aqui é a Casa de Athenas e Lar da Erudição, morada das protetoras da vila de Hécate: filhas de Atenas e as filhas de Nêmesis. – Eu indicava o casarão de madeira escura. – Aqui é a Casa de Asclépio, onde

cuidamos de nossos enfermos, e também é casa das filhas de Hygeia e as filhas de Panaceia. Ali é a Casa de Ártemis – eu disse indicando a casa a nossa frente à esquerda. – Lá moram as sacerdotisas que fizeram votos de não participar ativamente do Beltane e as minhas irmãs que não completaram os estudos, melhor dizendo, as minhas irmãs que ainda não chegaram ao sacerdócio. Do lado é a casa das filhas da Lua e por fim ali é a casa das Musas – eu disse indicando a casa a nossa direita –, é o meu segundo lugar favorito. – Eu sorri.

— Por que é seu lugar favorito? – perguntou Mateus.

— Venha, eu mostro ao senhor o porquê.

Mateus me acompanhou e entramos na casa das Musas, era a maior casa da vila. Assim que entramos encontramos Nina e Lia tocando flautas, passamos por alguns quadros que secavam e chegamos ao pé de uma escada.

— É por isso que aqui é meu segundo lugar favorito – eu disse apontando para cima.

— Uma biblioteca? – questionou Mateus ao subirmos a escada.

— Sim – eu disse tateando alguns livros da estante.

Eu deixei o Mateus a vontade, ele andou pela biblioteca, folheou alguns livros, outros ele tirava e colocava em seguida no mesmo lugar após ler o título.

— Vocês têm um Mecum Sagrado – disse Mateus surpreso.

— Temos um grande acervo de livros de todos os lugares. O Mecum Sagrado é um livro raro e proporciona uma leitura... interessante.

— Você o leu? – questionou Mateus admirado.

— Sim.

— O que achou?

— Gostei muito do começo, a história da criação do mundo é linda, mas o resto é só crueldade e sangue. Muitos castigos de um Deus tirano e impiedoso.

— Mas Deus apenas pune os pecadores.

Eu olhei para o Mateus e ele parecia bem convicto.

— Mas... e a morte dos primogênitos, crianças até mesmo bebês; qual foi o pecado deles?

— Eles pagaram pelos pecados dos pais.

— E isso não é cruel, matar crianças inocentes por causa do que supostamente seus pais fizeram?

— Foi um sacrifício necessário para libertar o povo de Deus.

— Um sacrifício necessário? Isso é horrível – eu disse dando as costas para o Mateus e indo a outra estante.

— Acredito que as outras sacerdotisas pensam da mesma forma.

— Somos sensatas.

— Então por que vocês têm um Mecum Sagrado?

— Néftis faz questão que tenhamos conhecimento de todos os lugares, isso inclui as suas crenças.

— É por isso que você sabe se portar como os raof'ed? É este termo que vocês usam para se referirem as pessoas que não são de Hécate, não é?

— O termo é esse, mas nem todos os de fora de Hécate se classificam como raof'ed. A tradução literal da palavra é: alheios. Esse termo se adéqua as pessoas alheias ao conhecimento verdadeiro, alheios ao seu potencial. São pessoas conformadas e felizes com a sua ignorância – eu disse tirando um livro da estante.

"Manipulando ervas venenosas" Era o título do livro. Eu o lera por inúmeras vezes para as aulas da Althea. Despreocupadamente, eu foliei o livro e me perdi em suas páginas coloridas.

O deslocamento do ar a minha volta me lembrou que o Mateus permanecia lá. Ele havia guardado o Mecum Sagrado e estava de frente a uma estante me olhando de soslaio. Talvez ele tenha se ofendido com o que eu dissera, mas eu não podia fazer nada em relação a aquilo. Eu apenas disse a verdade.

— Enfim – eu retomei o assunto tentando colocá-lo de forma mais amena –, eu sei me portar como alguém da corte porque eu vivi com a nobreza de Borefort até meus onze anos.

— O reino foi invadido por bárbaros há quatro anos, se você morou lá até os onze anos, você presenciou o ataque.

— Infelizmente sim – eu disse recordando e sentindo a agonia invadir o meu peito.

A tristeza transpassou meu rosto. Eu não falava sobre Borefort

desde que chegara a Hécate.

— Você está bem? – questionou-me Mateus.

— Estou. Os Faas não eram meus parentes de verdade, mas era a família que eu tinha e eu perdi todos eles naquele dia – eu disse.

— Desculpe-me, eu não tinha por objetivo fazer a senhorita relembrar de fatos dolorosos.

Meus olhos marejaram então eu me afastei dele.

Eu saí da biblioteca seguida por Mateus.

— Desculpe, eu não queria aborrecê-la – disse Mateus às minhas costas.

— Não se preocupe com isso. Você não tinha como saber... Na verdade nem eu sabia que essa ferida ainda doía – eu disse me virando para ele.

— A dor da perda de um ente querido ultrapassa a linha do tempo. Ainda mais da forma como aconteceu. Realmente peço que me desculpe pela a minha insensibilidade.

— Tudo bem, é passado e se não fosse por isso eu não estaria aqui.

— Você fugiu de Borefort e veio para esta vila? – questionou-me Mateus.

— Eu? Fugir? – Eu sorri sem alegria. – Se dependesse apenas de mim, eu não sei onde estaria agora. – A lembrança daquele fatídico dia tomou a minha mente. – Lembro-me que eu acordei assustada devido a um estrondo, logo a mansão dos Faas estava em caos. Minha tutora corria me puxando pela mão, mas de repente eu fui tirada dela e trancada em um dos quartos da mansão. Eu estava apavorada – eu admiti relembrando. – Quando amanheceu, o bárbaro que me trancara no quarto foi me buscar e me arrastou mansão a fora. Havia corpos por todo lado, casas e colheitas estavam em chamas; e tudo estava muito quieto. Eu olhava em volta e só via morte, fogo, fumaça e bárbaros; o silêncio confirmava que não havia sobrado ninguém em Borefort para me salvar. Eu acreditei que aquele era o meu fim, mas, a galope, quatro mulheres abriram caminho entre a fumaça. Uma delas atirou uma flecha no bárbaro que me arrastava e seu corpo sem vida bateu no chão chamando a atenção dos

outros bárbaros que começaram a vir na minha direção. Sem pensar duas vezes, eu comecei a correr na direção das quatro mulheres que estavam a cavalo. Enquanto eu corria, elas atiravam flechas em qualquer bárbaro que se aproximasse de mim. Quando os cavalos estavam a alguns passos de mim, a mulher que vinha liderando se inclinou, esticou o braço oferecendo-me a sua mão. Eu, certa de que a salvação se apresentava a minha frente, continuei correndo com o braço esticado na direção daquela mão que me oferecia ajuda. Sem diminuir o ritmo do galopar do seu cavalo, a mulher de pele ébano, cabelos negros e armados me pegou e eu caí sentada sobre a sela. Eu não conhecia aquela mulher, mas agarrada a ela, eu fui levada para longe, eu sentia que podia confiar nela não importasse para onde ela me levasse... Quando finalmente paramos, eu me vi em uma vila que era estranha para mim. Uma mulher se aproximou do cavalo e me ajudou a desmontar. Em seguida a mulher de cabelos negros desmontou. Eu olhava para ela e não sentia medo, apesar de não saber quais eram as suas intenções. Por que ela me salvara? – eu disse recordando. – A mulher de cabelos negros, como se ouvira os meus pensamentos, colocou a mão em meu rosto e disse: "Fique tranquila minha pequena, nada lhe atingirá aqui, você está segura. Bem-vinda ao seu lar." Foram as primeiras palavras que a Néftis disse a mim.

Ao final do meu relato, Mateus permaneceu em silêncio refletindo sobre o assunto.

Dando mais alguns passos eu me acomodei sob a sombra de um carvalho.

— E como foi se adaptar a essa cultura? – questionou Mateus ao se aproximar.

— Eu não tive nenhuma dificuldade, parece que eu nasci aqui, eu me sinto mais em casa aqui do que em Borefort – eu disse.

— Por quê?

— Aqui eu sou livre.

— Você disse que viveu com a nobreza, você era escrava? – confuso, Mateus questionou.

— Não, eu fui deixada aos cuidados da marquesa Geórgia Faas,

ela sempre me tratou bem e permitiu que eu tivesse a mesma educação dos filhos dela, além das aulas de etiqueta, é claro – eu disse me recordando de quanto tempo eu perdi com aquelas aulas. – Ela até estava querendo me casar com um duque ou algo assim. Eu não me lembro bem.

— Isso não me parece ruim.

— Eu não estou reclamando, os Faas eram gentis comigo. Eu morava em uma casa confortável, eu adorava ficar em meio aos livros da pequena biblioteca que tinha no casarão. Aprender outras línguas e a história de outros povos era e é fascinante.

— Então o que havia de errado?

— De que me serviria tanto conhecimento se eu não pudesse colocar tudo que eu aprendi em prática.

— Como assim?

— Eu estava às beiras de um casamento, quem ia determinar o que eu poderia fazer ou não seria meu marido.

— Sim, mas isso não lhe impediria de usar o que você aprendeu.

— Não? Do que me adianta saber ler se eu não posso, sequer, escolher os livros que eu quero ler. De que me adianta saber outras línguas se eu não sou livre para ir onde quer que eu queira. De que me serve saber me localizar pelas estrelas se eu não posso sair depois do sol se pôr.

— Ah... Realmente não é esperado de uma mulher esse tipo de atitude. – Mateus foi cauteloso na escolha das suas palavras.

— E por que não devia se esperar isso de uma mulher? – eu o indaguei.

— A senhorita viveu na casa de um marquês até os onze anos, então sabe que esse tipo de postura não é adequado a uma mulher... Mas me parece que a senhorita tem uma opinião diferente.

— O senhor colocou bem, eu vivi na casa de um marquês até os onze anos e aos onze anos eu sabia o que eu queria para a minha vida e o que eu não queria – eu disse voltando a caminhar, Mateus me acompanhou. – Quando eu cheguei a Hécate e comecei a me aprofundar nos estudos me ficou evidente o motivo de não incentivarem a educação das mulheres.

— E qual seria esse motivo? – Mateus quis saber.

— Não há poder na ignorância.

— Explique-me.

— Em Borefort eu fui educada como os quatro filhos homens da marquesa Geórgia, portanto eu tive acesso à educação que homens de posses tem e eu comecei a enxergar o mundo de uma forma mais analítica. Com o tempo começou a me causar estranheza os filhos da marquesa poderem fazer algumas coisas como: montar, treinar com espadas, acompanhar os demais homens na caçada; e eu não poder fazer o mesmo. Não havia incapacidade ou empecilho que me impedisse de fazer o que eles faziam, eu não entendia por que a eles era permitido fazer o que quisessem e a mim não era permitido. Foi criando-se em mim uma sensação de indignação e injustiça que me deixava inquieta, frustrada e infeliz de certa maneira. Chegou ao ponto de eu, com oito anos e meio de idade, entrar no escritório do marquês e questioná-lo o porquê de as coisas serem como eram. Sem se dignar a olhar para mim, o marquês ordenou que eu saísse. Eu me recusei com veemência, pois eu queria respostas, eu precisava. Diante da minha postura o marquês se levantou, me pegou forte pelo braço e me colocou para fora, mas aquele anseio em meu ser não se acalantaria com a ausência de uma réplica, então eu abri a porta e entrei novamente no escritório. O marquês, que não tivera tempo de se sentar, veio até mim e me estapeou – eu disse recordando.

Involuntariamente, eu, com as costas dos dedos, acariciei a bochecha que fora estapeada, eu não me esquecera da sensação do meu rosto ardendo.

— O senhor está compreendendo o desenrolar dessa história? – Mateus não se posicionou. – Com oito anos eu já tinha opiniões fortes que só amadureceriam com o tempo. Eu era questionadora e me sentia injustiçada pelas oportunidades que me eram roubadas. Do ponto de vista de um raof'ed, uma pessoa como a que eu acabei de descrever não é uma boa esposa. Uma boa esposa é aquela que não questiona, que obedece a toda e qualquer ordem de seu senhor, que está feliz com o seu mundinho limitado e medíocre. Por isso que as mulheres raof'ed são criadas na ignorância, para os serviços

domésticos, para os mexericos, para parir e para aturar aqueles grosseirões animalescos que se deitam sobre elas todas as noites, tomando-as para si como porcos que são, sem respeito, delicadeza, carinho ou amor.

— Como a senhorita pode se achar adequada a falar sobre as questões relacionadas ao casamento? – havia uma ponta de petulância na voz do Mateus.

— O senhor pode me afirmar que os costumes e os casamentos são diferentes do que eu disse?

— São novos tempos.

— Então o senhor está me dizendo que o ciclo da ignorância foi quebrado.

— Eu não sei o que a senhorita quer dizer com ciclo da ignorância.

— O senhor se recorda o que eu disse sobre o significado da palavra raof'ed e que eu disse que não há poder na ignorância?

— Claro, foi há pouco.

— O ciclo da ignorância consiste em não dar educação às mulheres, pois desta maneira é mais fácil de seus pais e maridos as manterem sob rédeas curtas, são meras vassalas, independente do título que tenham. Aos homens das castas mais baixas é ensinado apenas o básico para que assim seus senhores; barões, marqueses, condes, homens de posses de maneira geral; os mantenham sob rédeas curtas. Já os homens de posses têm acesso à educação, mas não a toda ela, pois esta é reservada apenas para príncipes, reis e ao clero que, por consequência, mantêm todos "abaixo" deles sob o manto da ignorância para que assim ninguém se levante contra eles, pois não há poder na ignorância.

Mateus olhou para o dia, em busca de contra-argumentos. Eu fiquei feliz por ele não encontrar um, enquanto eu deleitava a minha vitória me dei conta que eu era a anfitriã e que eu estava ali a pedido de Néftis. Certamente ela não ficaria feliz se eu desrespeitasse de alguma forma o convidado dela.

— Senhor Mateus, peço-lhe desculpas. Quando o senhor me questionou por que eu não tive dificuldades para me adaptar a

cultura da vila de Hécate eu deveria, simplesmente, ter respondido que eu não me encaixava em Borefort, ao invés disso eu fui eloquente em esclarecer essa questão. O meu comportamento não foi... apropriado – minhas desculpas não eram sinceras. – Em nenhum momento eu quis ultrajá-lo. Há certas questões que eu trato com fervor e eu fico extasiada ao ver o quão eu sou afortunada por ser livre. Peço-lhe que mudemos de assunto. O senhor gostaria de me acompanhar até nosso pomar? – eu terminei com um sorriso que não chegava aos olhos.

— Claro – respondeu Mateus de forma cordial.

Caminhamos em silêncio até o pomar.

— Cultivamos a maior quantidade de frutas possíveis aqui – eu disse quando chegamos ao pomar. – Mais a oeste temos uma grande horta e uma abundante plantação de grãos e cereais, toda nossa alimentação provém daqui – eu disse ao Mateus.

Conforme adentrávamos o pomar, Mateus me questionava sobre as frutas que não conhecia, mas a maior parte do tempo ele permaneceu em silêncio.

Eu comecei a acreditar que eu realmente tinha o ofendido, não que eu me importasse, mas fiquei preocupada com o que a Néftis fosse pensar do meu comportamento.

Eu saí do caminho principal e, seguida pelo Mateus, fui para as videiras. Aproximando-me do pé cujas uvas estavam bem escuras eu analisei que cacho deveria pegar.

— Senhor Mateus pode ceder-me a sua adaga, por favor? – eu questionei indicando a adaga que ele trazia na cintura.

Mateus tirou a adaga que levava no cinto e me entregou.

Era uma linda adaga de lâmina curva com cabo de ouro entalhado e adornado com uma pedra preciosa. De um lado do punho da adaga estava entalhado duas montanhas sob o sol e protegida por um escudo e duas espadas cruzadas, mesmo símbolo que Mateus levava no peito; e do outro, para minha surpresa, estava entalhado lado a lado a lua crescente, cheia e minguante, símbolo da tríade, da Deusa, selo de Hécate. Naquele momento eu quis fazer vários questionamentos, mas deixei para comentar com a Néftis mais tarde.

Com a adaga em punho, eu me virei para a videira, peguei o cacho que eu escolhera, agradeci a Deusa por aquele alimento e usei a adaga para separar o cacho de uva do galho.

Voltei-me para o Mateus e devolvi-lhe a adaga.

Aproximando as uvas ao meu rosto, eu senti a sua deliciosa fragrância, em seguida ergui a mão na direção do rosto do Mateus.

— Sinta – eu pedi a ele.

Mateus se inclinou para sentir o aroma das uvas.

— São de um bálsamo inebriante – disse Mateus.

— Realmente. – Eu abaixei as mãos e levei uma uva a boca. – Está deliciosa, o senhor gostaria de me acompanhar?

— Claro.

Parados sob as vinhas nós comemos. Ao terminarmos percebi que minhas mãos ficaram meladas.

— Vamos até o rio, lá podemos lavar as mãos – eu disse.

Mateus assentiu e atravessamos o pomar até chegar ao rio.

Ajoelhei-me próximo a margem e Mateus fez o mesmo ao meu lado. Imergindo as mãos na água eu levei minhas mãos as do Mateus e comecei lavá-las. Mesmo no meio da água fria do rio eu sentia o calor das suas mãos, era uma sensação agradável e acolhedora.

Olhei para ele e percebi que ele estava rígido, no mesmo momento soltei as mãos dele.

— Minhas sinceras desculpas, eu não quis ultrajá-lo, novamente. É que temos o hábito de lavar as mãos umas das outras, fiz sem pensar. Desculpe-me – eu expliquei ao Mateus.

— Não precisa se desculpar, estamos em sua casa, faremos como vocês fazem. – Esboçando um sorriso, Mateus pegou minhas mãos, que praticamente sumiram no meio das suas, e as mergulhou na água do rio.

Ele esfregou suavemente as costas e as palmas das minhas mãos e em seguida seus dedos se entrelaçaram aos meus. Senti como se as mãos do Mateus passeassem por todo o meu corpo. Minha mente vagueou e naquele momento desejei sentir o calor de nossos corpos entrelaçados em meio à água fria do rio, só com o céu, a lua e as estrelas como testemunhas.

— Isadora? – Tirou-me Mateus do meu devaneio. – Está tudo bem?

— Sim. – Eu me levantei o mais rápido que pude. – Vamos em frente – eu disse sem olhar no rosto dele.

Voltamos a caminhar com o silêncio como companhia.

"Será que ele percebeu meu desejo?" Eu me questionei.

"O que importa se ele percebeu? Somos jovens, isso é normal. Tenho certeza de que ele ficaria muito feliz em se deitar comigo." Eu cheguei à conclusão.

Sem me importar com o Mateus, que caminhava ao meu lado, eu fui para um lugar onde as mãos do Mateus percorriam meu corpo e o calor do seu corpo me envolvia.

"Para!" Eu gritei em minha mente lançando rédeas em meus pensamentos. Aquele não era o momento para devaneios... Eu teria a noite toda para sonhar com o Mateus.

Concentrei-me no caminho que seguíamos.

— Esta é a horta e ali é a casa de Deméter onde vivem as filhas de Deméter – eu disse quando passamos pela horta.

— Se não me engano, Deméter é a deusa do cultivo – disse Mateus.

— Sim – eu disse surpresa por ele saber daquilo.

— Filha de Deméter é uma espécie de título?

— É.

— Como é determinado cada título.

— Os deuses nos escolhem.

— Como isso acontece?

— Há um rito de passagem que fazemos quando atingimos o sacerdócio e no final dele sabemos nosso verdadeiro nome e filiação.

— Isadora é o seu verdadeiro nome?

— Não.

— Então qual é?

— Isis.

— É um belo nome faz jus à pessoa.

Eu sorri e Mateus retribuiu.

— Por que a Néftis, ao apresentar você a mim, não usou seu

nome verdadeiro, ele devia ser secreto? – Mateus quis saber.

— Não. – Eu sorria largamente achando engraçada a pergunta dele. – Eu acredito que ela tenha me chamado de Isadora por sua causa.

— Eu posso te chamar de Isis?

— Claro.

— Isis me explique melhor sobre a filiação, por favor.

— A nossa natureza interior é ligada diretamente as Deusas e Deuses, desta forma somos como filhos, geralmente, de um deles – eu fui concisa desta vez.

— Compreendi. Já houve caso de alguém sem filiação ou com mais de uma?

— Na história de Hécate nunca houve um caso sequer de alguém sem filiação e há casos raros de pessoas com mais de uma filiação.

— É algo significativo ter mais de uma filiação?

— Como eu posso explicar de maneira simples?... O senhor já fez pão?

Mateus franziu a testa.

— Eu deveria saber que não – eu respondi antes que ele pudesse fazê-lo. – Ah! Imagine um soldado que é excepcionalmente habilidoso no manuseio da espada, ele sabe usar outras armas, mas não como ele usa a espada. Esse soldado seria alguém com uma filiação, mas se ele tivesse mais uma filiação, além de ser excepcional com a espada ele seria capaz de acertar, com uma flecha, um alvo em movimento a muitos passos de distância.

— Então quanto mais filiações mais habilidades?

— Se eu fosse explicar de uma maneira bem crua, eu diria isso.

— Tem alguém com mais de uma filiação em Hécate agora?

— Sim. Norma que é filha de Atenas e de Nêmesis, ela é uma das mais antigas protetoras de Hécate, ela foi uma das sacerdotisas que me resgatou. Néftis que recebeu você é filha de Átropos e da própria Hécate.

— Átropos, eu reconheço o nome mais não me lembro qual deusa é – comentou Mateus refletindo.

— Ela é uma das Moiras.

— Uma deusa do destino, uma ceifadora... Interessante.

— Sim – eu disse sorrindo admirada com o conhecimento que o Mateus tinha.

Em silêncio, eu, seguida pelo Mateus, fui até uma antiga árvore e me sentei em sua grande raiz. Mateus se ajeitou ao meu lado.

— Então a casa que cada uma mora também é determinada de acordo com sua filiação? – questionou Mateus.

— Sim, mas somos livres para escolher onde queremos morar quando atingimos o sacerdócio – eu disse.

— A casa na qual nos conhecemos é para sacerdotisa de qual filiação?

— É para as filhas das Moiras e para as sumas sacerdotisas que fazem parte do conselho.

— E você mora em que casa?

— Em qual casa você acha que eu moro?

— Não sei ao certo, mas posso tentar acertar sua filiação.

— Vá em frente. – Eu incentivei.

— Bom, pela sua, hipnotizante e incomum, beleza e doçura, eu diria que você é filha de Afrodite.

Eu achei graça dos seus bobos elogios, Mateus, acreditando que eu estava lisonjeada, retribuiu sorrindo.

— Você fica ainda mais bela sorrindo. – Mateus continuou: – Além de bela, você é sábia, então eu acredito que você é uma filha de Athena, desta forma eu creio que você tenha mais de uma filiação.

Eu ri com a conclusão dele.

— Apenas uma das suas conclusões é um fato – eu disse.

— Apenas uma? – questionou Mateus rindo. – O que eu acertei?

— Eu tenho mais de uma filiação.

— Eu sabia – disse Mateus sorrindo. – Quais são?

— Eu sou filha de Hécate e das Moiras.

— De qual delas?

— Das três?

— Você tem quatro filiações.

— Sim.

— Isso deve ser muito raro?

— Não houve outro caso na história até o momento.

— Isso a torna mais rara e preciosa.

Eu sorri desta vez eu estava lisonjeada.

— Então você mora na casa na qual nos conhecemos – disse Mateus.

— Não, eu optei por morar na Casa de Ártemis, pois eu atingi o sacerdócio muito sedo e na época eu preferi ficar na casa com mais pessoas da minha idade.

— Entendi... Uma dama do destino.

— O quê? – eu questionei surpresa com a sua colocação.

— É o que você é, já que tem como afiliação as Moiras.

— É, pode se dizer que sim.

Mateus era diferente dos homens que conheci quando era mais nova em Borefort, ele era gentil, culto, era uma pessoa agradável de conversar, com ele o tempo não era coerente, só me dei conta que estava anoitecendo quando uma brisa fria fez os pelos do meu braço se eriçarem.

Tentando me aquecer, esfreguei meus braços e admirei os últimos raios de sol que ainda atravessavam as copas das arvores.

Mateus se levantou e despiu sua capa.

— Com sua licença – disse ele colocando sua capa sobre meus ombros. – Está esfriando.

— Sim, um pouco. Peço-lhe desculpas por tomar-lhe o dia todo. Acredito que esteja com fome.

— Eu não estou com fome e você não precisa se desculpar. É encantador conversar com uma mulher incomum como você.

Eu sorri.

— De qualquer forma acredito que devemos voltar – eu disse.

— Apesar de eu querer ficar, você está certa, devemos voltar – disse Mateus oferecendo-me a sua mão para que eu levantasse.

Sem pressa, caminhamos lado a lado, quando estávamos próximos à casa principal Mateus parou.

— Isis, você quer conhecer outros povos? – questionou ele.

— Eu adoro morar aqui, mas às vezes me sinto enfadada. Eu já li todos os livros da biblioteca, eu conheço esta floresta de ponta a

ponta, eu sei a que hora o sol nasce e a hora que ele se põe... enfim – eu disse sorrindo –, conhecer outros povos seria ótimo.

— Você gostaria de ir para Andoras comigo? – propôs Mateus, surpreendendo-me com o convite. – O clima de lá é um pouco diferente daqui, pois a cidade estado fica no alto da montanha do rei, mas as lareiras deixam o palácio sempre ameno. Das varandas do palácio é possível ver a imensidão de Andoras, o povoado, as plantações, o lago. Também há uma biblioteca com milhares de exemplares a sua disposição.

— Eu...

— Vocês estão aí – interrompeu-me Néftis. – Estávamos aguardando-os, está tarde acredito que vocês não poderão partir hoje.

— Não devemos tardar mais aqui – disse Mateus.

— Neste caso me despeço por aqui, não quero atrasá-lo mais – eu disse a ele.

As feições do Mateus mudaram de repente, antes de ficar inexpressivo, passou pelo seu rosto uma ligeira preocupação.

— Espere Isadora – disse Néftis. – Acompanhe-nos.

— Claro – eu disse sorrindo.

Entramos na casa, na sala Lucas nos aguardava.

— Isadora – começou Néftis –, lembra-se daquele sonho, o qual você teve há algumas luas, aquele que você caminhava por vários corpos de aldeões massacrados até chegar a um bebê que chorava sentado ao lado da mãe morta?

— Sim..., mas por que você está me fazendo recordar disso após um dia raro como o de hoje? – eu a questionei.

— Porque, apesar de sua visão não ser tão desenvolvida como seus outros dons, em seu coração você sabe que não foi um sonho.

— Néftis não me diga isso – eu disse balançando a cabeça negativamente, tentando tirar aquela imagem da minha mente. – É tanto sofrimento... Você disse que talvez fossem lembranças de Borefort.

— Sim minha querida, talvez fossem lembranças, mas tudo está indicando o contrário. Os reinos vêm sendo atacados, o povo está apavorado e muitas mortes já foram registradas.

— Pela Mãe! – eu exclamei.

— Há indícios que a tragédia do seu sonho aponta no horizonte e é por isso que eles estão aqui. Um ancião que vive no reino deles teve uma visão muito parecida com a sua então eles decidiram nos consultar.

— O que as sacerdotisas filhas das Moiras disseram? – eu me apressei em perguntar.

— Você foi a única filha das Moiras que teve essa visão e na época que você me relatou o seu sonho eu consultei nossas irmãs e a elas nada foi revelado.

Eu me senti ligeiramente aliviada.

— Mas é muito acreditar que duas pessoas tenham a mesma visão e isso não significar nada, então consultei o tarô...

— E o que as cartas disseram? – Eu a interrompi.

— Não só as cartas, mas as runas, o chá, o espelho, o fogo, os cristais e todos os outros métodos que nós usamos mostram o mesmo: uma quantidade absurda de sangue inocente derramado.

— Misericórdia.

— Apesar de este massacre apontar em nossos futuros, ele não está escrito na tábua do destino, então...

— Pode ser mudado – eu disse interrompendo a Néftis.

— Sim, esta tragédia pode ser contida, para isso alianças devem ser efetuadas, regras alteradas, forças mágicas e físicas devem ser unidas, decisões difíceis devem ser tomadas e aceitas. Você entende? – questionou-me Néftis.

— Sim.

— Por isso a vila de Hécate se unirá ao reino Andoras e seus aliados para evitar tantas mortes. Uniremos nossas forças para evitar este futuro. Essa união fará com que os Elementais se juntem a nós nessa batalha.

— Mas os raof'ed não concordam com nosso modo de vida. Como poderá haver união nessas circunstâncias? – Eu fiz uma pausa refletindo sobre o assunto. – Além disso, apesar dos Elementais serem nossos aliados, eles juraram que não ajudariam mais os raof'ed.

— Os povos raof'ed não levam em consideração nosso modo de

vida em tempos de batalha. Em relação aos Elementais a situação é um pouco mais... complicada, eles realmente não estão dispostos a se unirem aos raof'ed.

— Então como será?

— Os Elementais sempre honram a família.

— Sim, mas eu acredito que não há nenhum Elemental vivendo nos reinos raof'ed.

— Para os Elementais nós, sacerdotisas da vila de Hécate, não somos apenas aliados; eles nos têm como parte da sua família. Desta forma você Isis, sacerdotisa de Hécate se unirá ao rei de Andoras...

— O que você está dizendo? – Eu me antecipei desejando que meus pensamentos estivessem equivocados.

— Eu estou dizendo que Andoras e os Reinos em União e nós da vila de Hécate e nossos aliados nos uniremos através das bodas do rei Mateus Andrews III e Isadora Umphathi Aren Geir Baldier Bore.

— Não! Eu não me casarei com um desconhecido, muito menos um raof'ed.

— Você fará o que eu lhe pedir – serena, Néftis disse.

— Néftis talvez a confirmação desta visão tenha te desequilibrado, é natural. E apesar dessa guerra provavelmente não chegar aqui, eu também me preocupo com as pessoas que serão atingidas por ela, mas seja racional... este casamento não trará os Elementais para o lado dos raof'ed – eu argumentei.

— Isso é verdade, mas um vínculo sanguíneo os trará.

— Vínculo sanguíneo?

— O herdeiro do soberano dos trezes reinos com uma filha de Hécate fará com que os Elementais participem ativamente na guerra que está por vir, eles virão para proteger a família e consequentemente os treze reinos.

— Isso é loucura. Por que eu?

— Você teve uma visão que nem a melhor vidente teve isso significa que você está ligada diretamente com o que está por vir e você é uma pessoa que está familiarizada com os costumes dos raof'ed, isso mais o seu carisma os conquistarão.

O ar não entrava em meus pulmões, era como se eu estivesse me

afogando.

— Não, não pode ser – eu murmurei.

Tentando conter as lágrimas, eu fechei os olhos.

— Você sabe que eu não me encaixo lá, que eu não era feliz em Borefort... Aqui é minha casa Néftis – eu tentei compadecê-la.

— Não é mais, agora sua morada é Andoras.

Havia frieza na voz da Néftis o que fez meu coração doer. Eu não entendia a postura dela.

— O que eu fiz de errado para merecer tal punição? – eu questionei tentando compreender a decisão dela.

— Não é uma punição Isis, você terá um papel muito importante no salvamento de muitas vidas – disse Néftis.

— E a minha vida? ... As pessoas que eu amo estão todas aqui, a minha família está aqui – eu choramingava. – Você está aqui.

— As pessoas que você ama sempre estarão com você, em seu coração.

Neste momento eu não conseguia conter mais as lágrimas. Imagens da vila de Hécate enchiam minha mente, sua floresta, o pomar, o odor das frutas, a brisa morna, o calor do sol. Eu iria sentir muita falta de tudo aquilo, de montar ao amanhecer, de treinar esgrima com a Di, de ir à biblioteca, de caminhar sobre a luz da lua. Sentiria saudades da minha liberdade. Eu não poderia me submeter a aquilo.

Meu coração doía ao imaginar a perda da minha felicidade. Eu não podia permitir, eu iria lutar por ela.

O desejo de lutar por mim me inflou, de repente comecei a sentir um formigamento, minha respiração que estava entrecortada foi se normalizando, eu não sentia mais aquele aperto no peito. Eu sabia que poderia fazer o que eu quisesse. Ciente disso, eu abri os olhos e olhei diretamente para Néftis.

— Eu não irei! – eu disse.

Um estrondo ensurdecedor de um trovão finalizou minha frase.

Com surpresa no olhar, Néftis me encarou.

— Você irá – disse ela.

Suas palavras vieram acompanhadas de outro trovão que ecoou por toda a Hécate.

— Eu não irei! – eu reafirmei sentindo meu peito se incendiar.

Acompanhando a minha fúria, uma súbita rajada de vento abriu as portas e as janelas. Com um golpe do vento os cabelos da Néftis lhe cobriram o rosto.

— Como ousa? – Néftis questionou me lançando um olhar severo e fechando as portas e as janelas com um movimento de mão.

— Como você ousa acreditar que tem poder sobre a minha vida? – eu a questionei.

— Eu sou sua suma sacerdotisa – falou Néftis com firmeza.

— Isso não lhe dá o direito sobre minha vida, se você não me quer mais aqui eu partirei para onde o destino me levar, mas irei sozinha, não sairei daqui amarrada a um desconhecido.

— Realmente, como suma sacerdotisa eu não tenho esse direito – a voz dela estava mais branda. – Por isso eu estou lhe pedindo Isis, sua maturidade está além da sua idade, então você entende que sacrifícios são necessários para um bem maior.

— Mas a minha felicidade e liberdade são preços altos demais e eu não estou disposta a tamanha renúncia – eu afirmei.

— Isadora você quem teve a visão, você sabe o que vai acontecer. Você não gostaria de impedir esta tragédia?

— Sim, mas tem que ter outro jeito.

— Não há, então você fará o que eu estou lhe pedindo.

— Desculpe-me, mas eu não farei.

— Estou lhe pedindo, faça este sacrifício por todos nós. Por favor.

— Eu sinto muito, mas não farei isso. Deve haver outro jeito.

— Não há. – Néftis fez uma pausa e respirou fundo. – Sua atitude está me forçando a fazer o que eu não quero.

Confusa, eu olhei para ela.

— Eu evoco a promessa que a muito foi feita por Isis filha de Hécate, Cloto, Láquesis e Átropos – começou Néftis.

Neste momento eu senti um ardor no meu braço direito, ao olhar para a pele vi que estava avermelhada, então eu soube exatamente do que se tratava.

Era uma magia antiga, raramente usada e irreversível.

— Néftis não! – eu disse levando a mão ao braço ocultando o local avermelhado, mesmo sabendo que eu não seria capaz de impedir o que a Néftis estava por fazer.

— Você disse que a sua vida me pertencia e que faria o que eu pedisse sem me contestar, por isso eu estou lhe pedindo e você fará – disse Néftis.

O ardor em meu braço aumentava conforme a Néftis impunha os seus termos.

— Hoje você partirá da vila de Hécate, irá para Andoras, lá se casará com o rei Mateus Andrews III e gerará um herdeiro que unirá nossos povos – continuou Néftis.

A cada palavra dita o ardor em meu braço passou a ser uma dor insuportável.

Não era apenas meu braço que doía, mas meu coração também. Eu sentia que tudo que eu mais amava esvaia-se por entre os meus dedos; minha liberdade, minha felicidade, meu lar, minha família, pois com aquela invocação magica eu não tinha opção, eu teria que fazer o que a Néftis queria.

A força daquelas palavras destroçava meu corpo me fazendo cair de joelhos, as lágrimas cobriam o meu rosto, mas isso não conteve a Néftis e ela continuou:

— Você fará o que for necessário para a união de nossos povos e para evitar esta tragédia anunciada. Você deverá permanecer em Andoras e não poderá sair de lá antes de gerar o herdeiro que selará essa união – disse Néftis.

Como se fosse possível meu braço ardeu ainda mais, minha pele parecia queimar. Uma fina linha vermelha como brasa começou a rodear meu braço, era como chama que se espalhava em galhos secos ao redor do meu braço.

Eu sentia que estava sendo queimada viva. Sem poder me conter mais, eu gritei de dor.

— Isso é realmente necessário? – Ouvi Mateus questionar entre meus gritos. – Você me disse que ela viria por vontade própria.

— Eu acreditava que sim. – Eu ouvi a Néftis dizer.

O fogo da promessa invocada estava rasgando a minha pele.

— Então termine logo com isso, ela não precisa sofrer mais – disse Mateus e a preocupação estava evidente em sua voz.

— Quanto mais ela resistir mais vai demorar – explicou Néftis.

Mateus ajoelhou-se ao meu lado. Eu mal conseguia enxergá-lo entre as lágrimas.

— Isis. – Ele fez menção de me tocar, mas eu me afastei dele.

— Não me chame assim, eu não permito. A culpa é sua – eu disse entre os gritos.

— Eu nunca quis lhe fazer mal – afirmou Mateus. – Acabe logo com isso – disse ele a Néftis.

— Ela continua resistindo – disse Néftis.

— Isadora, por favor, não resista. – pediu Mateus.

— Eu nunca, nunca serei sua! – Eu bati o punho no chão.

Não sei se foi o impacto do punho ou minha fúria e resistência, mas assim que meu punho tocou a superfície do solo à linha de chama que rasgava a minha carne se alargou e eu caí para trás de dor, meus olhos se reviraram em suas orbitas, por um instante eu não estava mais em meu corpo.

— Pare de resistir, pare! – Eu ouvi a voz aflita da Néftis, ela parecia distante.

— Interrompa esse processo – disse Mateus com veemência.

— Eu não posso, quando uma promessa é evocada tem que ser cumprida – disse Néftis.

— E se ela não parar de resistir? – eu ouvi o Mateus questionar.

— Ela morrerá – respondeu Néftis.

Revivendo aquele dia, eu me dei conta de que não importava o que eu tivesse feito, nada mudaria aquele momento.

Néftis estava certa, eu entregara a minha vida a ela; e não apenas isso, eu entregara todas as decisões relevantes da minha vida a ela. Eu não fazia nada sem consultá-la, eu me espelhava nela, ela era o meu alicerce.

Néftis me conhecia bem e sabia que eu não aceitaria aquelas condições sem lutar, mas talvez ela esperasse que eu cedesse a dor, mas não... Chega de deixá-la tomar as decisões por mim.

A partir de agora eu tomo as rédeas da minha vida e eu decido se quero ou não a vida que me aguarda... e eu não quero.

Agarrada a minha decisão, eu me concentrei, reunindo minhas forças, canalizando a minha energia com o intuito de liberá-la de uma vez.

"Isso será o suficiente para fazer meu coração parar." Eu pensei.

— Isadora ouça – disse Mateus um pouco antes de eu liberar o fluxo de energia. – Só precisamos de um herdeiro, depois que você me der um poderá voltar... se quiser. Pare de resistir, por favor.

Por um instante eu parei de resistir e refleti sobre a questão.

— Seria apenas uns dois anos, até a criança ter um ano – completou Mateus.

"Dois anos não é tanto tempo." Eu pensei.

— Você pode voltar para junto das pessoas que você ama, para o seu lar – disse Mateus.

"Eu posso voltar... e estarei livre desta promessa." Eu cheguei à conclusão e parei de resistir.

Assim que o fiz, a dor que estava me provocando espasmos diminuiu e se tornou tolerável. Meus olhos voltaram à órbita e eu vi Mateus e a Néftis debruçados sobre mim.

— Dois anos... Eu tenho a sua palavra? – minha voz saiu fraca.

— Sim – disse Mateus. – E eu tenho a sua?

— Sim – eu disse.

Eu não estava feliz, mas era uma opção menos radical e no final dos dois anos eu estaria livre.

Ao parar de resistir a linha, que havia se transformado em um ramo espesso, se fechou em meu braço e a dor cedeu.

Sentei-me com um pouco de esforço. Mateus e a Néftis permaneciam agachados próximos a mim.

— Eu nunca, nunca imaginara que seu intuito, ao me tirar de Borefort, era o de me transformar em uma moeda de troca. Você me tirou de uma escravidão para outra, de uma prisão para outra – eu disse encarando a Néftis.

— Filha, um dia você entenderá – disse ela se levantando.

— Não, eu não entenderei.

Eu tentei me levantar, mas me senti zonza e fraca.

— Por favor, não me toque – eu disse quando Mateus fez menção de me ajudar. – Você sabia de tudo isso e não me disse nada, passamos o dia juntos, você pareceu tão amigável e sincero, mas você não passa de um mentiroso.

— Em momento algum eu menti para você. – A voz dele estava firme, até um pouco ríspida. – Nunca mais me chame de mentiroso.

— Se você não é um mentiroso então o que você é? Você sabia de tudo e não me disse nada, você ouviu calado eu expressar minha opinião sobre o casamento, ouviu meus sonhos e desejos. Você sabe que não é isso que eu quero para minha vida. – Eu me senti angustiada ao pensar no que vinha pela frente. – Nós tínhamos o dia para conversarmos sobre este assunto, mas você preferiu me ludibriar.

— Eu poderia ter lhe contado, mas quis conhecê-la melhor.

— Você queria saber se eu era adequada para isso, se meus dotes lhe agradavam?

— Não. Eu não vim escolher uma noiva, eu vim para te levar como minha noiva, tudo já estava decidido antes de eu te conhecer.

— Bom saber que conspiravam pelas minhas costas – eu disse.

Com esforço eu consegui me por de joelhos. Néftis e Mateus me ofereceram a mão para que eu levantasse. Ignorando-os, eu apoiei em uma cadeira próxima e, sentindo minhas pernas fraquejarem, eu me levantei.

— Não há conspiração – disse Néftis. – É apenas o necessário.

— É a minha vida.

— Você a deu para mim.

— Eu a confiei a você, pois eu acreditava que você me tinha como uma...

As palavras se perderam em minha garganta. Desde que eu chegara à vila de Hécate, a cada dia que se passava, Néftis ganhava a minha admiração. Eu a tenho como uma mãe e acreditava que ela me tinha como uma filha, mas aquela marca em meu braço dizia o contrário. Néftis não tinha a menor consideração por mim ou por meus sentimentos e aquilo doía muito.

— Você não apenas confiou a sua vida a mim, você a me deu –

ressaltou Néftis. – "*A minha vida é sua."* Foram as suas palavras Isis.

— Quando eu fiz isso eu não imaginara que você iria destruí-la.

— Destruir a sua vida? – questionou Mateus alterado. – Você está ganhando um reino, será rainha, viverá entre luxos e comodidades. Qualquer donzela no seu lugar estaria no mínimo feliz.

— Eu não sou qualquer uma – eu disse a ele.

Mateus me encarou em silêncio, ele parecia nervoso e contrariado, acredito que ele nunca tenha sido desafiado antes, pelo menos não por uma mulher. Ele continuou me encarando e eu não baixei a guarda. Naquele momento eu o odiava, o desprezava e isso estava transparecendo em meu olhar.

— Já chega – disse ele depois de um tempo. – Estou farto desta conversa, você é minha noiva e irá comigo agora.

Eu abri a boca para falar, mas Mateus ergueu a mão.

— Basta! Vamos agora – disse ele e saiu porta a fora.

— Isis sua bagagem está na balsa – disse Néftis. – Faça uma boa viagem.

Néftis levou a mão ao meu rosto, mas antes que ela pudesse tocá-lo eu lhe dei as costas e saí.

A noite já cobria todo o céu, o ar estava gelado.

A vila de Hécate estava iluminada por várias lamparinas em forma de flores. Elas davam um lindo tom dourado ao lugar.

Enquanto eu admirava a beleza daquela paisagem Lucas chegou e ficou parado ao meu lado. Hécate estava estranhamente vazia, eu partiria sem me despedir das minhas irmãs.

Eu não podia acreditar que a Néftis estava fazendo aquilo comigo. Só podia ser um pesadelo, desesperada para acordar eu fechei meus olhos me agarrando a esperança de que quando eu os reabrisse, tudo estaria como deveria estar.

Quando eu abri os olhos vi que Inha vinha às pressas com um pacote nas mãos, eu sem pensar corri na sua direção e a abracei. Seus volumosos braços me envolveram em um caloroso abraço.

Era reconfortante, eu me sentia segura. Eu não aguentei e comecei a chorar. Inha me balançou levemente de um lado para o outro e começou a fazer um som baixinho como se estivesse me ninando.

— Vai ficar tudo bem, fique tranquila – disse Inha.

As palavras dela não conseguiram me reconfortar.

— Temos que ir alteza – disse Lucas atrás de nós.

Inha pegou meu rosto com ambas as mãos e secou minhas lágrimas. O pacote que ela trazia era uma capa que ela colocou em minhas costas e o capuz sobre minha cabeça. Ela me lançou um sorriso terno, beijou a minha testa e disse:

— Abençoado seja o seu caminho, que a luz a siga aonde vá.

Ela me deu uma última olhada e partiu. Eu fiquei observando-a se afastar e teria ficado lá a noite toda se Lucas não insistisse que tínhamos que ir.

Lucas e eu caminhamos em silêncio, a cada passo a angústia aumentava.

Mateus nos aguardava na balsa, Néftis lhe fazia companhia.

— Você cuidará dela? – Eu ouvi a Néftis questionar ao Mateus.

— Dou-lhe a minha palavra – respondeu ele.

Flutuando sobre a balsa havia uma bola de fogo do tamanho de uma maçã, duas iguais a esta flutuavam sobre a água, uma de cada lado da balsa. Sua luz refletia no espelho d'água formado pelo rio. Mateus, Lucas e eu embarcamos e com um suave movimento das mãos Néftis fez a balsa navegar.

A balsa atravessou vagarosamente o rio, com o seu navegar mais bolas de fogo se acendiam formando uma trilha sobre a água iluminando o caminho e a margem oposta, revelando uma comitiva de dezenas de cavaleiros que nos aguardava próximos a uma carruagem luxuosa.

Chegando à margem do rio apenas a bola de fogo sobre a balsa permaneceu acesa, pois assim que eu desembarquei as demais que flutuavam sobre o rio se extinguiram ocultando no véu da noite o caminho de volta para Hécate.

Firmando os olhos eu tentava ver a outra margem do rio, a minha casa, mas só havia a escuridão a minha frente.

Eu senti o ar sendo sugado dos meus pulmões, meu coração doía como se alguém estivesse esmagando-o. Tudo perdera o sentido.

Eu me questionava como a Néftis podia me lançar à escuridão. Ela

que eu tinha como uma mãe.

"Por quê?" Eu buscava uma resposta.

As lágrimas mais uma vez tomaram conta do meu rosto.

— Alteza venha para a carruagem, por favor, partiremos em breve – disse Lucas.

Eu, resignada, embarquei.

Mateus se aproximou da janela da carruagem e fitou o meu rosto. Eu o olhei em seus olhos e por um instante eu vi a preocupação, mas depois deste instante o rosto dele voltou a ficar duro e inexpressivo.

Ele virou-se e disse sem me olhar.

— Pare com esta choradeira, você não está indo para a forca.

Eu fui atingida por uma descarga de ódio, eu o queria morto. A ira tomava conta do meu corpo e da minha mente.

Subitamente o clarão de um raio rasgou o véu da noite iluminando a floresta, em seguida um trovão ensurdecedor desfez o silêncio.

Eu sabia que não deveria usar a magia para tirar a vida de ninguém, mas naquele momento eu cogitei a possibilidade de canalizar aquela energia e com um movimento simples das mãos eu ceifaria a vida do Mateus. Questionei-me se o poder que me ligava a ele me impediria ou qual seriam as consequências do meu êxito.

Os cavalos se agitaram e empinaram devido ao estrondo. No meio desta agitação a bola de fogo flutuante que estava na balsa se deslocou graciosamente até o começo da estrada a nossa frente, chamando atenção dos homens e dos cavalos.

Depois de um breve momento parada, a bola começou a faiscar, gerando novas bolas de fogo que iluminavam estrada adentro.

A estrada cortava uma densa floresta e sem as bolas de fogo seria impossível transitar por ela a noite.

— Vamos partir – falou Mateus e começou a galopar.

A chuva chegou assim que a comitiva começou a andar.

Mesmo com a tempestade as bolas de fogo permaneciam acesas iluminando a estrada a qual me levava para longe da minha família.

Cavalgamos por horas e por horas eu chorei.

Mateus decidiu acampar assim que as bolas de fogo acabaram.

Do lado de fora da carruagem os homens conversavam. Eu vi

refletida na janela a luz de uma fogueira e logo o odor de um cozido encheu o ar.

— Alteza está acordada? – questionou Lucas ao bater na porta.

Eu não tinha vontade de responder então eu não o fiz.

Lentamente a porta da carruagem foi aberta, Lucas espiou e viu que eu estava acordada.

— Perdoe-me por entrar assim, mas a vossa alteza não respondeu.

O brilho do fogo cintilou nas lágrimas que cobriam o meu rosto, Lucas, inexpressivo, me olhou.

— Peço-lhe perdão alteza, mas não será possível montar a tenda real essa noite, pois a estrada não é larga o suficiente. A senhorita terá que se acomodar na carruagem, se a vossa alteza levantar o tampo do banco encontrará cobertores. Para o jantar eu trouxe a vossa alteza um pouco de ensopado, vinho e algumas frutas – disse ele.

Naquele ponto eu estava tão exausta devido à tristeza que não tive forças nem vontade de responder, eu apenas virei o rosto e o ignorei.

— Eu vou deixar aqui. – Lucas colocou o ensopado sobre o banco a minha frente. – Peço que a senhorita pegue os cobertores dentro do baú deste banco, serão três dias de viagem e as noites costumam ser frias. Não queremos que a vossa alteza adoeça.

Eu permaneci em silêncio.

Lucas fez uma reverência e saiu fechando a porta da carruagem.

Com o tempo as conversas entre os homens diminuíram, diminuíram até o silêncio tomar conta.

O silêncio era ensurdecedor. Eu, que adorava a noite, temia a escuridão. Eu, que não me importava de estar sozinha, temia a solidão.

Néftis me dera uma vida com uma mão e tirara com a outra. O que me restara?

Silêncio, frio, amargor, escuridão.

— Isadora, Isadora.

Eu ouvi uma voz distante chamar.

Eu pisquei, minha visão estava turva. Pisquei novamente e vi o Lucas que do meu ponto de vista estava na horizontal. Pisquei mais uma vez, então pude ver claramente, Lucas estava agachado a minha frente e percebi que ele não estava na horizontal, mas eu estava. Não sei em qual momento eu caí deitada sobre o estofado da carruagem.

— A vossa alteza está bem? – perguntou Lucas.

Sentando-me, eu ajeitei o meu cabelo que caíra sobre o rosto.

— Beba um pouco de água – disse Mateus me oferecendo uma caneca com o líquido.

Eu me sentia estranhamente fraca, eu sequer conseguia segurar a caneca com firmeza, pois minhas mãos estavam trêmulas.

— O que está acontecendo comigo? – eu pensei em voz alta.

— A senhorita deve estar fraca, faz dois dias que não come ou bebe algo – respondeu Lucas.

— Dois dias? – confusa eu disse, percebendo que eu não vira o tempo passar. – Mas eu já fiquei mais que isso sem comer e nunca fiquei assim. – Eu buscava respostas em minha mente para o que acontecia.

— Beba a água – insistiu Mateus.

Eu tentei levar a caneca aos lábios, mas continuava trêmula. Lucas vendo minha dificuldade pegou minha mão e me ajudou a beber.

A água gelada rasgou minha garganta me provocando arrepios.

Mateus levantou o tampo do assento do banco a minha frente, pegou uma manta e colocou-a em meu colo. Em seguida, ele encostou as costas dos dedos em minha testa, deslizou-os pela minha têmpora e tocou a minha bochecha com as pontas de seus dedos.

Mateus estava visivelmente preocupado.

Sem nada dizer ele saiu, um instante depois voltou com uma tigela com ensopado e com uma caneca fumegante.

— Lucas, obrigado pelos seus serviços, pode ir – disse Mateus.

Lucas fez uma reverência e saiu.

Mateus se sentou no banco a minha frente, colocou a caneca fumegante no chão, mexeu o ensopado com uma colher de pau, pegou

uma colherada e me ofereceu.

— Eu não estou com fome – eu disse.

— Você não pode ficar tanto tempo sem comer. – Mateus permanecia com a colher erguida na frente do meu rosto.

— Quanto tempo mesmo eu estou sem comer?

— Hoje seria o terceiro dia.

— Três dias? ... Então já estamos em seu reino.

— Na verdade, mal estamos no meio da viagem.

— Como pode ser, não eram três dias de viagem? – confusa, eu questionei.

— Sim, mas tivemos muitos contratempos. Esta chuva que não cessa está deixando a estrada impossível, a carruagem já atolou várias vezes.

— Compreendo – eu disse pensativa.

— Coma... Por favor – insistiu Mateus. – O ensopado vai esfriar.

Eu peguei a colher e a tigela e comecei a comer. Mateus observou atentamente cada colherada que eu levava a boca, ele só saiu da carruagem quando eu terminei o ensopado e bebi o que tinha na caneca. Era um chá que parecia ter sido adoçado com mel.

Não demorou muito e a comitiva voltou a cavalgar, a viagem seguiu lenta e tediosa. A carruagem chacoalhou muito por causa da lama na estrada, os solavancos me deixaram enjoada a ponto de eu não conseguir conter o vômito.

Às pressas pedi para o cocheiro parar a carruagem, eu só tive tempo de colocar a cabeça para fora.

Toda a comitiva parou, Mateus se aproximou a galope e com rapidez desmontou.

— Isadora você está bem? – questionou Mateus segurando os meus cabelos enquanto eu colocava o resto do ensopado para fora.

Ele me ofereceu um lenço assim que terminei.

— Não importa – eu disse limpando a boca com o lenço – Falta muito ainda para chegarmos?

— Neste ritmo e se não acontecer incidentes, uns dois dias.

— Dois dias – eu disse franzindo a testa. – Esta viagem não está me fazendo bem. Eu preciso caminhar um pouco.

Descendo da carruagem, colocando o capuz da capa sobre a cabeça, eu pisei na estrada lamacenta.

Mateus me acompanhava e a comitiva seguia nossos passos vagarosos. A chuva não cessara, porém isso não me incomodava, eu me sentia muito melhor caminhando.

Apesar do cuidado com que eu caminhava, eu virei o pé em um buraco, só não caí porque o Mateus me segurou.

Sua mão tocou a minha e mais uma vez senti o calor dele irradiar pelo meu corpo, eu fiquei surpresa. Mesmo depois de tudo, Mateus ainda conseguia transpor minhas muralhas.

— Você está se sentindo melhor? – questionou Mateus.

— Sim – eu respondi.

— A chuva está diminuindo – disse ele olhando para o céu. – Volte para a carruagem, eu tentarei diminuir ao máximo o tempo desta viagem.

Eu voltei para a carruagem e apesar da viagem estar mais rápida, ainda parecia que eu estava na estrada a uma eternidade.

Cavalgamos até muito tarde, todos os cavaleiros levavam tochas acesas para iluminar o caminho.

Mateus permitiu que os homens descansassem por umas três horas antes de voltarem a cavalgar.

O ritmo dos cavalos aumentou gradativamente e quando estávamos em um bom ritmo paramos.

"Não acredito que ele resolveu acampar no meio do dia." Eu pensei aborrecida.

Abrindo a porta da carruagem eu vi o motivo da nossa parada. Uma grande árvore estava tombada no meio da estrada.

— Tentaremos removê-la enquanto isso você pode sair – disse Mateus ao se aproximar da carruagem

— Muito obrigada – eu disse com sarcasmo.

"Como se eu precisasse da sua permissão." Pensei.

A garoa fina tocou o meu rosto assim que eu saí da carruagem, então eu coloquei o capuz. Caminhei até a árvore tombada e só quando estava próxima, vi a dimensão do problema. Eu não conseguia ver por cima do tronco de tão largo que ele era.

Os cavaleiros se dividiram em dois grupos e cada um ficou de um lado da árvore. Por muito tempo eles tentaram removê-la, mas não tiveram sucesso, até o Mateus desceu do cavalo para ajudar.

— Vamos parar um pouco – gritou Mateus.

— Precisamos de mais homens. – Eu li os lábios do Lucas quando ele disse ao Mateus.

Eu fui até eles. Conforme eu caminhava entre os cavaleiros eles me reverenciavam e quando eu alcancei o Mateus todos, menos o Lucas, se afastaram.

— Teremos que enviar uma mensagem ao reino pedindo reforços – disse Mateus ao Lucas.

— Isso fará com que fiquemos acampados por, pelo menos, dois dias aqui – disse Lucas.

— Mais dois dias nesta carruagem? – eu disse um pouco exaltada. – Não há a menor possibilidade.

— Não temos muitas opções – disse Mateus. – Na verdade não temos opção nenhuma.

— Temos sim – eu disse.

— Qual?

— Deixamos esta carruagem e vamos a cavalo.

Mateus e Lucas trocaram olhares.

— A senhorita vai comigo então – disse Mateus.

— Eu poderia montar um dos cavalos da carruagem.

Mateus e Lucas mais uma vez trocaram olhares. Aquela conversa silenciosa já estava me cansando.

— Alteza, eu acredito que esses cavalos não sejam adequados para a senhorita – disse Lucas em um tom apaziguador.

— O que você quer dizer? – eu quis saber.

— São cavalos que requerem habilidade em montaria.

— Eu monto muito bem, obrigada pela preocupação. Em qual cavalo eu vou? – eu questionei.

— Eu prefiro que você vá comigo – disse Mateus.

— Eu prefiro estar em Hécate, mas já que eu tenho que ir para Andoras quero ir rápido e acabar logo com isso, com tudo isso.

Mateus fechou a cara e cruzou os braços.